


## DA MAGIA À CIÊNCIA: O “RITUAL” DE PASSAGEM DAS SUPERSTIÇÕES AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n1-173>

**Data de submissão:** 22/12/2024

**Data de publicação:** 22/01/2025

**Roberto Francisco de Oliveira**

Doutor em Ciências da Religião pela PUC-GO, Mestre em Teologia Dogmática pela Universidade Gregoriana de Roma e Professor de Filosofia e História do IFPA, campus Conceição do Araguaia

---

### RESUMO

O texto discute a evolução do conhecimento científico, desde suas origens místicas e supersticiosas até a consolidação da ciência empírica moderna. A ciência e a magia coexistiram por séculos antes de se separarem, e a história revela uma interseção complexa entre razão, religião e crenças esotéricas.

**Palavras-chave:** Conhecimento científico. Magia.

## 1 INTRODUÇÃO

O que hoje denominamos conhecimento científico teve uma trajetória epistemológica *sui generis*. O prestígio que a palavra “ciência” goza nos dias atuais, que remete a um rigorismo metodológico sem precedentes, depõe contra suas origens muitas vezes de base supersticiosa e calcadas no imaginário do senso comum. Foi entre erros e acertos, apostas e predileções norteadas pela magia, impressões intuitivas e esoterismo que a ciência positiva constrói sua caminhada na modernidade. Isso implica no fato que alguns dos nossos pioneiros desbravadores do campo científico foram crédulos, religiosos, devotos e praticantes da alquimia e outros saberes correlatos que interseccionavam o método empírico com a crença no sobrenatural. Donde se infere que ciência e magia caminhavam lado a lado, irmãs siamesas, como bem lembrou Scliar: “em sua origem, ciência se confundia com a magia” (2007, p. 14), até convergirem em rivais e inimigas letais com o avançar do tempo.

As vias de acesso a esse dado não se mostram claras, uma vez que era intenção dos homens de ciência camuflarem seus envolvimento em práticas mágicas. A regra geral para se estabelecer qualquer forma de conhecimento deveria passar pela demonstração empírica. Não seria bem recepcionado nos círculos de homens cultos aqueles que, de alguma forma, burlassem esse paradigma.

## 2 O “RITUAL” DE PASSAGEM DO CONHECIMENTO ESOTÉRICO AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Poderíamos nos perguntar sobre os reais motivos de a historiografia muitas vezes nos ocultar o estágio inicial do conhecimento científico, ainda fortemente apegado às crenças que tardiamente viera reprovar. O inferimento mais sensato que encontramos para justificar esse silêncio histórico talvez seja a própria escassez de fontes. Numa palavra: os homens de ciência que se valiam de práticas mágicas não se apresentavam como magos. Com efeito, “os alquimistas da época (século de Newton) referiam-se uns aos outros por pseudônimos”, como observou White (2000, p. 138).

Esse fato claramente se explica pelo contexto dos séculos XVII e XVIII responsável pela consolidação do que chamamos conhecimento científico. O desenvolvimento surpreendente da matemática, as recentes formulações da química nos campos da termodinâmica e do eletromagnetismo, os cálculos cada vez mais acertados e precisos da física científica consolidaram uma certeza por assim dizer universal que a verdadeira interpretação do mundo só podia ser fornecida pela ciência. Por conseguinte, quem pretendesse ilustrar sua personalidade na era setecentista e oitocentista mostrar-se-ia como fiel seguidor dessa nova tendência. Dessa forma, numa época de ascensão e apogeu da ciência

como rainha do saber não se notabilizaria no cenário acadêmico quem se envolvesse com outras formas de conhecimento consideradas inferiores ou, pior ainda, supersticiosas.

Assistimos, portanto, historicamente a um corte intersaberes, uma dinâmica de exclusão em que A não interage com B e ambos se hostilizam sem qualquer possibilidade de confluência harmônica. Dessa trágica separação emerge um dogma ideológico: todo conhecimento puro se deriva dos dados científicos e toda ilusão e devaneio procedem do campo religioso!

Carl Sagan, renomado filósofo, no seu escrito *O mundo assombrado pelos demônios* (2006) verifica que essa cisão cujo efeito foi polarizar ciência e religião não teve um resultado positivo: “A noção de que a ciência e a espiritualidade são de alguma maneira mutuamente exclusivas presta um desserviço a ambas” (Sagan, 2006, p. 48).

Biógrafo de Isaac Newton, Michael White (2000) escavou minuciosamente as documentações ainda ocultas da vida Newton, desvelando um lado até então desconhecido desse pensador: além de matemático e físico, era alquimista. As informações trazidas à baila por White foram tamanhas e numerosas que deram origem à obra: *Isaac Newton: o último feiticeiro*. De fato, a incompatibilidade entre verdade e superstição, entendendo-se a verdade como sinonímia da ciência, abortava do círculo dos intelectuais as operações mágicas e alquímicas, tão em voga nos séculos precedentes. Com efeito, podemos ler em Voltaire o estatuto epistemológico em voga nos novos tempos, agora apartado das concepções mágicas que povoavam as mentes ignorantes: “Citai o nome de um povo em cujo seio não se tenham operado prodígios inacreditáveis, principalmente nos tempos em qual se sabia ler e escrever” (Voltaire, 2003, p. 5). E noutra passagem das Questões sobre os milagres reforça: “Quanto mais as sociedades aperfeiçoam os conhecimentos, menos prodígios se produzem” (Voltaire, 2003, p. 14).

O artigo de Peter Mainka *A bruxaria nos tempos modernos: sintoma de crise na transição para a modernidade* (2002), que analisa a bruxaria nos tempos modernos, considera que os ataques que culminaram com o banimento da feitiçaria europeia não foram só impetrados pela Igreja cristã movida pela ojeriza ao heterodoxo e/ou herético. A discussão vai muito além do campo religioso e do entrechoque doutrinário que o acompanha. Mainka verifica, como Michael White, que os saberes cognominados esotéricos distoavam sobremaneira da visão da realidade imposta pelo poderio da ciência. Não havia mais espaço nos ditos tempos modernos para qualquer modelo de conhecimento que escapasse às regras geometrizadas e esquadrinhas pelo compasso da matemática. Inclusive, vale destacar, o próprio cristianismo que se uniu à modernidade para conjurar e queimar as bruxas foi, posteriormente, também fonte dos ataques da ciência que o considerou igualmente como falso saber. Afinal os dogmas cristãos também não resistiam ao crivo de precisão que reclamavam as ciências

exatas e da natureza. As futuras formulações ateísticas da contemporaneidade, com efeito, foram provenientes de uma insuficiência da dogmática cristã em explicar o mundo e o homem pelo caminho da racionalidade científica. Tudo, portanto, deveria ser compreendido pelas leis ineroráveis da mestra ciência.

Porém, não foi de um modo simples que a racionalidade moderna se impôs à humanidade. Ela, a senhora razão, não podemos esquecer, foi um constructo herdado dos séculos medievalistas. Acostumada que estava a caminhar lado a lado com a religião, num regime muitas vezes de subserviência, não se desapegou tão rapidamente de seu ventre espiritualizado. No século áureo da Escolástica medieval se fincou a célebre frase: *Philosophia ancilla theologiae* (A filosofia é serva da teologia). Tanto dependente das crenças consuetudinárias num sentido como atrelada à Igreja noutro viés, a razão não encontrava a trilha da sua autonomia e emancipação. Resvalava pois no terreno movediço do sobrenatural sem encontrar a segurança de pisar em chão firme. Abandonava certos paradigmas religiosos sem, no entanto, se desconfigurar de outros, interseccionando razão e religião com religião e razão, desaperebidamente.

No terceiro capítulo dos famosos *Ensaio céuticos* (1957), o filósofo britânico Bertrand Russell se pergunta: *Será a ciência supersticiosa?* Verifica o autor que “o criador científico, como todos os outros, tende a ser inspirado por paixões a que dá expressão intelectual equivalente a uma fé não demonstrada” (Russell, 1957, p. 29-30). Essa característica que funde o homem de ciência com o homem de fé não foi percebida na aurora da modernidade, permitindo a autopenetração desses saberes. Fazia-se ciência sem dispensar a religião e pensava-se a religião como plataforma seguramente científica. Russell prossegue, fazendo notar que “o piedoso moço Lutero reverenciava um papa livre-pensador que permitia o sacrifício de bois a Júpiter, no Capitólio, para propiciar a sua cura” (1957, p. 30). Donde se vê que os lastros supersticiosos do antigo paganismo seguravam possantemente suas ventosas na erudição da cientificidade moderna. E nada parecia contraditório.

Enganamo-nos pensando que as teorias gerais de especialidades como as matemáticas ou físicas ou químicas dos elementos provieram estritamente de sofisticados cálculos que fundacionaram equações e fórmulas universais.

As crenças não científicas que inspiraram a obra dos pioneiros nos séculos dezesseis e dezessete são admiravelmente expostas com o auxílio de muitas fontes originais pouco conhecidas. Parece, por exemplo, que a inspiração de Kepler foi, em parte, uma espécie de adoração solar neozoroástrica que adotou num ponto crítico da juventude. Foi primariamente por causa de considerações como a divinização do sol e a sua colocação no centro do universo que Kepler, nos anos de fervor adolescente e imaginação ardida, foi levado a aceitar o novo sistema (Russell, 1957, p. 32).

Donde se percebe que foi com o auxílio da magia, da superstição, de crenças, da intuição nada racional e da injunção de ingredientes dos mais variados expedientes, que a ciência foi se formando e engatinhando mesclada de múltiplos saberes, incluindo, notadamente, o saber racional. E somente muito lentamente a característica empírica foi se moldando, consolidando e se impondo às demais até, no século XIX, tornar-se a exclusiva e extirpar do *corpus* documental da ciência tudo que não fosse demonstrado metodicamente.

Pensando atingir um *status quo* que lhe garantisse estabilidade e segurança, depois de superar sua primeira infância marcada pelo ecletismo de saberes, as ciências moderna e contemporânea mais uma vez se veem frustradas no seu intento. Dessa feita a partir de uma crítica interna de seus próprios teóricos, como as aventadas por Karl Popper e Thomas Kuhn, que denunciam com maestria os limites e imperfeições da empiricidade e a impossibilidade da sustentação de um ideal sistêmico e generalizado, fazendo cair por terra a pretensão que alimentou por séculos o projeto de um conhecimento infalível.

Passado, pois, o fogo do positivismo atizado por seus defensores, o conhecimento científico foi forçado a se reavaliar, despretensionalizando-se e admitindo suas fragilidades que o assemelham às outras formas de saber. Por isso, ao falarmos de razão, religião, superstição, magia, intuição, referimo-nos a expressões que, conforme demonstra a história, se tocam e se acolhem, penetram-se inexplicavelmente, ainda que a razão diga não. No universo que habitamos as falas mais diversas se alternam, conjugam-se, aproximam-se para se excluírem e, depois de separadas, tornam-se a se aproximar. É assim que a razão, ultravalorizada pela ciência, deve entender que o *podium* do primeiro lugar não é o seu posto, mas a convivência com sua irmã magia, a qual pode lhe trazer melhor benefícios.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comumente dissociamos “ciência” e “magia” como se fossem antinomias. Ledo engano. Ao menos nas suas origens. Esta pesquisa visa precisar o nascimento da ciência como um complexo saber que sabia conjugar a superstição com os procedimentos empíricos e que, somente com o avançar das eras, vai se desvencilhando das outras formas de conhecimento associadas à magia. Justifica-se em apresentar ao interlocutor a gênese epistemológica dos saberes, muitas vezes confusa e titubeante em seus primeiros passos. O presente formato da *episteme* científica, tal como se encontra na contemporaneidade, alicerçado no mais alto rigorismo metodológico, representa o estágio mais avançado de um saber cujas origens se diluem na intuição psicológica e no sentimento puramente religioso de seus fautores. A personalidade de Isaac Newton é evocada como figura de ilustração de

nosso argumento. Realçamos o entrelaçamento entre alquimia e matemática em Newton, retratando o drama do cientista que procurava esconder do público setecentista suas crenças supersticiosas.

Ontem e hoje, evidentemente, houve aproximações e afastamentos entre conhecimentos de ordens diversas, causando ora empatias ora estranhamentos de ânimos. Como bem ressaltou o filósofo contemporâneo Peter Sloterdijk na sua célebre obra *Pós Deus*: “Visto que a sociedade moderna agora é completamente pós-clerocrática (...) o Esclarecimento combatente se cansou de suas vitórias no decurso do século XX. Existem, fora de qualquer polêmica iluminista, crescimentos de conhecimento que impõem aos dogmas religiosos a coexistência desagradável com conhecimentos contraditórios e que os obrigam a reformulações” (Sloterdijk, 2019, p. 283-284).

Em tempos onde a ciência desponta como a melhor proposta de interpretação da realidade circundante, a reflexão de Sloterdijk adianta que a religião e a mística não têm condições de guerrear sobre os espaços acadêmicos, porém sobra-lhes a alternativa de navegar outros mares da vida humana, afinal de contas a existência não se resume em racionalidade.

Acerca dos limites da ciência, o século XX promoveu debates acirrados entre os intelectuais das mais variadas orientações filosófico-científicas. A própria ciência se deu conta que necessitava de uma séria revisão em seus postulados, muitos deles considerados ultrapassados e caducos.

Durante todo o século XIX e particularmente no primeiro quartel do século XX, a Física, a Química e a Matemática apresentam profundas modificações em suas teorias: a emergência das geometrias não-euclidianas, da teoria dos quanta e da teoria da relatividade e suas repercussões no campo científico, provocaram alterações nos conceitos de realidade e nas ideias de relações sujeito-objeto, obrigando a Filosofia a rediscutir a questão dos limites e do valor do conhecimento científico, bem como a tentar interpretar a história da ciência, afim de resolver o problema epistemológico proposto pela evolução do conhecimento científico. As novas teorias, destruindo o mundo alicerçado nas concepções newtonianas e euclidianas, puseram em questão o realismo ingênuo de cientistas e filósofos. O mundo novo, que elas desvendavam, exigia, para ser apreendido, novos conceitos epistemológicos (Cesar, 1989, p. 9).

O pensador existencialista Karl Jaspers, com precisa lucidez, entende que “o conhecimento científico se refere a objetos determinados: ele não sabe o que é o próprio ser. O conhecimento científico não está em condições de dar nenhuma orientação para a vida” (Reale e Antiseri, 1991, p. 598).

Exatamente nessas lacunas em que a ciência não tem entrada, nos recônditos da vida humana, é que se abrem largos horizontes para a sobrevivência e manifestação do místico e do imaginário. Para além dessas possibilidades, não podemos ignorar que hoje a cientificidade reconhece pontos de fragilidade dentro de si, mesmo no que concerne ao empírico, alargando com isso a entrada de outras explicações que melhor serviriam para a compreensão do fenômeno estudado.

Não se descarta, portanto, a eventualidade futura de mosaicos de conhecimentos que se cruzam e se mesclam, complementando-se em seus antagonismos identitários. Quem sabe a posteridade não presencia um saber rizomático, para usar a linguagem de Gilles Deleuze.

## REFERÊNCIAS

CESAR, CONSTANÇA Marcondes. Bachelard: ciência e poesia. São Paulo: Paulinas, 1989. (Ensaaios filosóficos)

MAINKA, Peter Johann. A bruxaria nos tempos modernos – sintoma de crise na transição para a modernidade. História: Questões & Debates, 2002. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/2705/2242>.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. História da filosofia: do Romantismo até nossos dias. Trad. Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1991. (Coleção filosofia)

RUSSELL, Bertrand. Ensaaios Céticos. Trad. Wilson Velloso. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. (Biblioteca do Espírito Moderno, volume 16)

SAGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro. Trad. Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCLIAR, Moacyr. Oswaldo Cruz & Carlos Chagas: o nascimento da ciência no Brasil. 2 ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2007. (Imortais da ciência)

SLOTERDIJK, Peter. Pós Deus. Trad. Markus A. Hediger. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

VOLTAIRE. Questões sobre os milagres. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WHITE, Michael. Isaac Newton, o último feiticeiro: uma biografia. Trad. Maria Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Record, 2000.